

6º Domingo da Páscoa

1ª leitura (Antigo Testamento) – Isaías 45:11-13 e 18-19

O Dêutero-Isaías (40-55) tem a missão de consolar os exilados (40:1) e prepará-los para um novo momento da conjuntura internacional marcado pela ascensão do rei persa Ciro (45:13) e a conseqüente queda do Império Babilônico (vide comentário do Domingo de Ramos).

A teologia da criação surge no pós-exílio e tem duas expressões poéticas clássicas no primeiro relato da criação (Gn 1:1 –2:4ª) e, como forma de consolação, nos capítulos 38 e 39 do Livro de Jó. A chave da teologia da criação é *“simplesmente olhar ou atentar para aquilo que acreditamos que é real”* ou *“olhar para as coisas com respeito e amor”* (cf. Rachel Hosmer e Alan Jones - *Living in the Spirit*. New York: Seabury Press, 1979; p.35-36).

O encontro com a teologia natural das religiões mesopotâmicas e a situação do povo, longe da sua terra e dos seus símbolos históricos, reforçaram o entendimento de Deus como autor da Vida e do Universo e trouxeram a contemplação como forma de buscar na natureza os símbolos vivos da presença de Deus junto ao seu povo (cf. Gn 9).

O texto deste domingo mostra que a consolação contemplativa (como em Jó) nasce da indagação pela Vida e seu futuro (v.11). Quem responde é “O SENHOR santo de Israel” (um título tirado do primeiro Isaías; cf. 10:20 e 30:15 como sinal de continuidade entre ambas profecias). A resposta do versículo 12 é o chamado a contemplar a terra fértil da Babilônia (em principio um território hostil e estranho) como obra do Deus e, portanto como um lugar propício para a manifestação do seu poder libertador (v.13; especialmente no título “SENHOR dos EXÉRCITOS”). A resposta do versículo 12 ainda inclui a contemplação de “*adam*”, não apenas “homem” mas “pessoa humana”, como criatura o que coloca em pé de igualdade os exilados e seus opressores diante de Deus.

O versículo 18 faz uma nova síntese da teologia da criação (CF. Gn 1:1) acrescida da afirmação de que “não outro”. Esta última afirmação, mas antiga, retoma a fé no Deus libertador de Israel como único capaz de mudar a situação de sofrimento do povo.

O versículo 19 parece começar um outro assunto (introduzido na afirmação final do versículo 18) propondo a comparação direta entre as divindades dos opressores (que falam apenas através dos poderosos, “em segredo”) e este Deus Libertador que fala diretamente a todo o povo (12 tribos de Jacó). O Deus Criador e Libertador, além de falar abertamente, fala “a verdade” e o “direito” o que, do ponto de vista dos exilados, certamente o diferenciam das divindades babilônicas.

Em síntese, a profecia do Dêutero-Isaías chama o povo para acreditar que Deus esta suscitando um novo tempo de mudança e de esperança porque não há lugar em que Deus não possa se manifestar, não há pessoa através da qual Deus não possa agir (Ciro), e não há outro Deus capaz de ser ao mesmo tempo criador da Vida e libertador do povo. (HMG)

2ª leitura – Atos 11.19-30.

A missão em Antioquia é o início da missão aos gentios. Houve prenúncios dessa missão com outras narrativas como a visita de Pedro a Cornélio, mas o movimento desencadeado pelo martírio de Estevão dá início à missão aos de fora da comunidade judaica. Vs. Anunciando a mensagem apenas aos judeus. Consta que, em Chipre, havia um grande contingente de judeus da dispersão (talvez helenizados). Vs 20 – “dessa área alguns começaram pregar aos gregos... e, pela primeira vez, os membros da Igreja foram chamados na versão latina de cristãos” (vs.26).

A narrativa que fala num grande centro missionário e nas pessoas cheias de Espírito Santo fala na solidariedade diante da fome que está para assolar a terra.

Aqui temos um ponto em comum com o Evangelho. Anunciar o Cristo é permanecer Nele e permanecer Nele é viver vida solidária, (por exemplo, Jo 15.4,12).

A narrativa como um todo nos mostra dois pontos. Em analogia à ressurreição de Cristo, os acontecimentos como a dispersão dos helenistas do At 6.1ss espalhados após o martírio de Estevão vem contribuir não só para a conversão de Saulo, mas para a fundação da Igreja em Antioquia, que alcança os de fora da comunidade judaica. (vs.20). É uma conseqüência inesperada do ponto de vista humano. Essa dispersão gera uma reunião, comunidade solidária, que tem alcance inesperado: uma contribuição muito importante na compreensão da diversidade na Igreja. (ST)

Santo Evangelho - João 15: 9-17

Vivemos rodeados de pessoas que buscam mandamentos para se sentirem melhor. Há pessoas que parecem precisar de uma comunidade que normatize cada aspecto de suas vidas privadas. O que comem ou bebem, o que vestem, o penteado, o recreio, o trabalho, o estudo, tudo precisa estar bem definido para que eles se sintam seguros.

Nas Escrituras descobrimos que Jesus nos deixou apenas um mandamento: “amai-vos uma aos outros, assim como eu vos amei”. No texto do Evangelho de hoje descobrimos que quando amamos ao próximo, algumas conseqüências naturais surgem.

Em primeiro lugar, quando amamos ao próximo *permanecemos no amor de Deus* (10). A relação entre obediência e amor era uma realidade na relação entre Jesus e o Pai e também o será em nossa relação com Deus. Assim como a obediência de Jesus aos planos de Deus o tornou consciente da existência desta realidade duradoura de amor, nossa obediência ao Pai também produzirá em nós uma realidade de amor na qual permaneceremos à medida em que obedecemos e amamos. Nossa obediência em amar produz uma “esfera de amor” na qual vivemos e comungamos com Deus.

Em segundo lugar, quando amamos ao próximo *nossa alegria é completa* (11). Além de ter prometido sua “paz” (14:27) e seu “amor” (15:9) Jesus agora promete seu “gozo” ou sua “alegria” (15:11). Para um grupo pessoas que estavam prestes a perder a companhia de seu mestre e de um companheiro de jornada, as promessas de Jesus traziam algum alento. Eles nunca seriam aprisionados pela tristeza da ausência da pessoa de Jesus. Eles

jamais sucumbiriam diante da saudade. Jesus estaria sempre com eles e sua alegria estaria também presente em cada um dos discípulos. Há uma dimensão mística aqui. A paz e o amor prometidos estavam presentes e isto também resultava em alegria.

Em terceiro lugar, quando amamos ao próximo *nos transformamos em amigos de Jesus* (14). No verso 15 compreendemos as implicações de uma amizade com Jesus. Os servos nada sabem sobre o seu senhor. Eles apenas obedecem às ordens recebidas. Os escravos não desenvolvem qualquer relação com seus senhores, exceto a de subserviência. Os amigos não são tratados da mesma forma. Eles podem desenvolver uma intimidade tão forte a ponto de se transformarem em confidentes. O confidente é aquele que conhece "de perto", aquele que está "próximo", aquele que tem acesso a uma esfera relacional que é negada todos os outros.

Mas o que é amar o próximo? Qual sua maior marca? Qual sua expressão mais óbvia e evidente? Para Jesus, a maior prova da existência do amor é "dar a vida pelos amigos" (v.13). Foi exatamente isto que ele fez por nós (v. 12) e é exatamente isto que ele espera que façamos uns pelos outros. Dar. "Deus amou o mundo de tal maneira que *deu...*")

Se amamos também seremos capazes de dar; dar nosso tempo, nossa atenção, nosso carinho, nosso abraço, nosso apoio, nossa ajuda, nosso pão, nossa compaixão, nosso perdão, enfim, nossa vida! (JLFA)